

I-SAB

# CADERNOS DO

P  
A/Z

**UFRGS**  
**Instituto de Letras**

NÚMERO: 16

DATA: DEZEMBRO DE 1996

OTTMERS, CLEMENS: *Schreiben und Leben: Herta Müller. Der Teufel sitzt im Spiegel. Wie Wahrnehmung sich erfindet*. Em: Lützeler, Paul Michael (ed.): *Poetik der Autoren. Beiträge zur deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*. Frankfurt am Main: Fischer, 1994, p. 279 - 294.

ROSENTHAL, ERWIN THEODOR (ed.): *Deutschsprachige Literatur des Auslandes*. (= Germanistische Lehrbuchsammlung 84). Frankfurt am Main/Bern: Verlag Peter Lang: 1989.

SCHWOB, ANTON (ed.): *Beiträge zur deutschen Literatur in Rumänien seit 1918*. München: Verlag des Südostdeutschen Kulturwerks: 1985.

SERRER, MICHAEL: *Porträt: Herta Müller, Schriftstellerin*. Em: *Kulturchronik* 2 / 1995, p. 2.

### REFERÊNCIAS E DEBATES

1) Mesa redonda com Herta Müller, Kurt Drawert, Lya Luft e a coordenadora Kathrin Rosenfield sobre a problemática de minorias no 9.11.1993 no Goethe-Institut, Porto Alegre.

2) Entrevista com Herta Müller e os dois críticos literários Sigrid Löffler e Hajo Steinert no programa da TV "Gespannt auf ..." (Westdeutscher Rundfunk) do 2.8.1994 sobre o novo romance *Herztier*.

## O SORRISO DO HERÓI

Donaldo Schüler\*

Como compreender o sorriso do aviador Fabien e do operador de rádio, perdidos no espaço, extinta a esperança de retorno à terra? Eis o enigma proposto por *Vôo noturno*. Fala-se de um rir dos deuses, mas estes riem porque, livres da morte, nada de sério os aflige. Há o sorriso da Gioconda, sorriso bem-aventurado da mulher vitoriosa, consciente do poder de renovar a vida. Para compreender o sorriso de Fabien, precisamos viajar pela literatura de Saint-Exupéry.

Recordando os paladins da Idade Média, Exupéry recebe a distinção de piloto com entusiasmos de quem, submetido a ritos solenes, assume elevadas funções. À maneira dos itinerantes defensores do bem, legendários, o piloto se destaca da comunidade, amparado da imagem de herói destemido a serviço de causas justas. Aparentemente nada o distingue. Enfrentando, contudo, perigos extraordinários, eleva-se à categoria dos agraciados com virtudes adormecidas nos que se contentam com atos corriqueiros. O rito redime o momento incomum da monotonia rotineira. Na solenidade do rito a vida se ilumina.

Elevando-se às alturas, o aviador acrescenta um novo capítulo à história do heroísmo, a conquista do espaço. Novo é o herói, novo é instrumento, o avião. Na velocidade do vento, o conquistador tocou o Novo Mundo, a força do motor o sustenta no ar. Na ascensão, Exupéry não esquece a terra. Contempla-a, ao contrário, na violência dos seus contrastes, sem reduções deformadoras. A terra revela-se inteira, variada, aos olhos que se distanciam. As asas, desbravando tanto montanhas revestidas de gelo quanto cáusticos desertos, aproximam extremos na resistência. A resistência, conjugando no mesmo herói o poder do cérebro e a habilidade do braço, é fonte de saber. Esta associação evoca Ulisses, o herói que se distingue no vigor da inteligência e no manejo das

\* Professor-orientador no Programa de Pós-Graduação em Letras.

armas. Alva, serena é a face rochosa da Cordilheira dos Andes aos olhos de quem a sobrevoa. Sobre, no entanto, o vento e a força adormecida desperta. As considerações de Exupéry sobre os picos nevados, açoitados pela intempérie lembram o vigor que emerge do templo assentado sobre a pedra em noite tempestuosa na análise de Heidegger. A serena dignidade com que o homem enfrenta tempestades e a inclemência do deserto ombreia com as obras de arte que desafiam os séculos. Percível é a carne, só a carne, a natureza humana, entretanto, mais forte que o arcabouço físico, brilha mesmo ante a contrariedade mais severa. Confrontados na luta, o homem e a terra se engrandecem.

A ênfase não recai sobre o êxito individual. A conquista do homem, espetacular, se esclarece comparada a feitos passados. O leitor das narrativas de Exupéry percebe ecos dos versos exaltados de Camões que mandava calar tudo o que a musa antiga canta ante o valor que se eleva agora mais alto. O avião, reproduzindo a euforia outrora proporcionada pela caravela, distingue a espécie humana.

Na epopéia antiga, os homens, vencida a natureza, agridem outros homens. Exupéry, declarando equivocado o vigor guerreiro, pensa que homens, ao dominarem homens, reprimem a emergência da vida. Aplausos merece a vitória sobre as fronteiras que inibem a expansão vital. Mesmo conquistas bem modestas requerem atenção. O poderio militar, venha donde vier, não entusiasma o autor. A grandeza do homem mede-se na luta com as forças da natureza. As descobertas maiores são as que se fazem ante a beleza da flor. Achados de valor universal, distanciados do utilitarismo, fazem-se entre modestos beduínos e crianças sonhadoras.

Dos sentidos, Exupéry privilegia a percepção ativada nos ásperos movimentos da vida. Os escritos de Exupéry costumam ser dramaticamente elaborados. Ora, o drama repele a morte. Os atores passam, mas os agentes que acionam a ação mantêm-se poderosos desde tempos imemoriais até à época dos motores. A negação da vida, seja no suicídio, seja na opressão imperialista, seja na indústria, não conta com a aprovação de Exupéry.

O herói é solitário, mas é na solidão que a solidariedade humana se revela. Revela-se quando negada, quando fisicamente ausente.

O instrumento desempenha papel notável na história dos triunfos humanos. Exupéry lembra a plaina e a charrua, úteis no tratamento da

madeira e no cultivo da terra. Empreenda-se a história do instrumento, passando pelo carro de tração animal, pelo navio, pelo trem de ferro, história em que se insereve agora o avião, veículo a serviço do homem na conquista de novas fronteiras. No instante em que o piloto toca os comandos, o poder da natureza lhe vem através da máquina como um dom. À maneira do camponês, o aviador, no exercício da profissão, dá com segredos de valor universal.

Entendam-se as reservas de Exupéry com as fábricas européias. Para que o instrumento favoreça o homem na tarefa de desvendar a verdade, o produto industrial não pode arrebatar o privilégio de meta. Se o produto é o fim, o produtor lhe sacrifica o ser, a liberdade, a verdade. O aviador, ao contrário de outros trabalhadores, comandando o instrumento, determina o seu destino, e isso o eleva à galeria dos heróis.

O avião amplia horizontes. Os caminhos que trilhávamos nos mostravam um planeta úmido e verde. O avião, entretanto, ao nos levar à aridez do deserto e aos gelados penhascos das altas montanhas, abre-nos um capítulo de que apenas tínhamos noções vagas.

Ao entrar no aparelho, o piloto ingressa num outro mundo. Estabelece-se relação peculiar entre este mundo, a terra, e o outro mundo, o avião que se destaca deste. No passado, quando se falava em outro mundo, pensava-se no mundo das essências platônicas ou no mundo da bem-aventurança eterna, mundos estáveis, modelares. O outro mundo, o de Saint-Exupéry, é agora imperfeito, frágil, criado pelo próprio homem — o avião. O mundo do aviador é este, novo, estranho, perigoso. Aviador e avião comungam da mesma fragilidade. Os meios de condução anteriores não tolhiam os movimentos do condutor. Ofereciam espaço ao exercício de movimentos livres. A cabine do avião, imobilizando o aviador, faz, por muitas horas, de dois corpos um corpo só, irmanados na instabilidade, na ameaça da morte. Um soluço do motor fura a consciência do aviador. O Pequeno príncipe, vindo de um asteróide, impõe-se como metáfora do aviador. Como o aviador, a misteriosa aparição aproxima mundos, contesta a tirania, o exclusivismo e o particularismo. A conversa do aviador com o Pequeno Príncipe exterioriza o monólogo interior.

A imperfeição do aparelho solicitava, no início da aviação, habilidades que o aperfeiçoamento exclui. Exupéry recorda, nostálgico,

os primórdios, apesar dos riscos e do sacrifício de vidas. Maior era a responsabilidade do aviador, mais rica a experiência, mais profundo o conhecimento da superfície terrestre, dos fenômenos meteorológicos, das reações humanas. A precariedade do instrumento ressalta as virtudes do piloto. Ele sabe que tem a vida nas suas próprias mãos, que um leve movimento pode reduzir o aparelho a cinzas. A fatalidade é interior, a de se constatar fraco. Como ninguém, o aviador se percebe próximo das origens. Conhece o vazio, o caos, a beleza infinita das estrelas, o esplendor do deserto.

Cercados de signos, desenvolvemos uma cultura livresca, aperfeiçoando discursos para desvendar o mistério das coisas. Na época da emergência da semiologia, o signo se constitui em limite intransponível, tanto na teoria lingüística de Saussure como na invenção romanesca de Proust. Afrontando a barreira signica - à maneira de Deleuze recentemente, desiludido dos signos e preocupado em achar a verdade nas próprias coisas - Exupéry sustenta que a terra nos ensina muito mais que os livros. A autonomia do homem não rompe o cordão umbilical que o prende à terra. Sem a fonte de água que brota do solo, não se mata a sede.

Na busca das origens da resistência à tradição verbal, poderíamos recuar até Nietzsche. Zaratustra já é um herói-profeta que, de costas para a cultura do livro, recluso por dez anos, descobre a verdade na caverna de uma montanha inóspita, habitação de serpentes e de águias. Nietzsche afirma o corpo contra a cultura do discurso, privilegiado por um grupo robusto de pensadores gregos.

A terra, observada do avião, é absorvida pela instabilidade, ingressando no ritmo das transformações desde o movimento da relva na decolagem até a face neutra dela vista a três mil metros de altura. Vista do avião, a terra, sólido assento de todos os seres outrora, sucumbe ao desgaste das coisas que passam. O aviador, imobilizado na cabine, passa a mover-se no tempo, temporalizando também a terra observada. Temporalizada, a terra entra no ritmo das transfigurações que alterna o verde dos campos, o amarelo dos desertos, o azul do mar.

Um mundo estável, dominado pela burguesia vitoriosa, recebia gratificado as descrições lentas, exaustivas de Balzac. Na passagem do século XIX ao século XX, a velocidade se acelera. Contrariando a tradição ocidental, Bergson faz do movimento o seu campo de reflexão,

estabelecendo-o como essência do universo ao tempo em que a pintura impressionista se volta aos momentos de passagem. Na prosa de Joyce, o fluir da consciência substitui a observação repousada, lúcida, fixa.

Dependente da terra, Exupéry recupera a genealogia, vínculo a unir os seres já nos tempos míticos. Da totalidade deriva-se o sentido. Na solidão, na penúria absoluta, o homem encontra conforto nos laços que ligam o grão de areia às altas estrelas. O aviador, perdido no deserto, ameaçado pela morte, sem uma gota de água para molhar a língua, sem mão amiga para ampará-lo, descobre em si uma estranha alegria, a alegria de pertencer à totalidade em que borbulha a vida. O homem é também, nas páginas de Exupéry, casa do ser. O humanismo do escritor, avesso ao culto da personalidade, eleva-se ao clan vital que, culminando no homem, não privilegia personalidades excepcionais. Até modestos beduínos maravilham Exupéry. A visão de Exupéry aproxima-se do pensamento de Bergson, que, ao contrário do idealismo de Kant, sustentava que a intuição tem acesso à pureza natural, à matéria e à vida em contínuo processo de transformação. Ao lado de Bergson, podemos enumerar uma plêiade de pensadores que no fim do século passado e princípios deste instalaram a vida no centro de suas análises: Nietzsche, James, Simmel, Dilthey, Scheler, Spengler, Keyserling, Ortega y Gasset, Schweitzer.

O avião inaugura uma nova possibilidade narrativa: ver a terra como pretensamente a viam os deuses ou o porta-voz dos deuses, o narrador em terceira pessoa. O narrador assume a posição até aqui negada ao homem sem abdicar a temporalidade, limite humano.

O valor do tempo se altera. Dez minutos de silêncio, que na terra não significam nada, representam no espaço a diferença entre a vida e a morte. No avião, a imobilidade física acelera a mobilidade temporal. Em poucas horas, o avião vence a distância entre as geleiras do Norte e as tórridas regiões da África. A descrição, acompanhando a percepção, acelera o ritmo. Vista do avião, a realidade se distancia da lenta precisão que lhe imprimiu Balzac. E há o tempo de memória. As narrativas de Exupéry, revividas, revelam o que o percebido têm de passageiro e de eterno. Vencendo o imediato, o narrador se afunda na antigüidade mítica, constatando a mesma energia vital vivida hoje e em outros tempos.

Exupéry emerge como héroi-poeta, autor, testemunha e narrador de façanhas, prolongando a tradição de homens de ação e escritores como Xenofonte e Júlio César.

Que verdades desvenda o aviador? Diz Exupéry que são verdades humanas de caráter universal. E ele se demora nos exemplos. Um amigo seu aventura-se a uma missão perigosa na Cordilheira dos Andes. Tratava-se de abrir um caminho aéreo entre as montanhas, empresa de que outros recuaram. Sofrendo uma pane e castigado por uma temperatura devastadora, move-se, contra toda esperança, em busca de socorro. As buscas efetuadas na região o encontram ainda em vida, mas as lesões sofridas determinam-lhe a morte. Exupéry registra as palavras do moribundo: animal nenhum realizou o que eu realizei. Esta é a verdade, a consciência da morte que se ilumina no homem e a ação heróica de combatê-la até o último alento. Exupéry a distingue do suicida que sai da vida premido por uma desilusão amorosa. A máscara deste não oculta nada além de uma sombra. Diferente é a morte do aviador que enfrenta situações adversas para aproximar regiões distantes. Ele ousa afrontar respeitosa e a terra que lhe resiste. As nuvens contempladas em horas tranqüilas ocultam qualidades adversas. Quem suspeitaria que elas se estendem à maneira de uma cortina entre o conhecido e o desconhecido, cobrindo um espaço que confina com a eternidade? Exupéry conclui que o observado só adquire sentido através do trabalho.

A visão do aviador transfigura noções que cartógrafos registram em mapas. Para o pouso, informações sobre laranjeiras e terreno alagado preterem conhecimentos de serras e rios caudalosos. A conversa com um aviador experimentado faz da Espanha, tida por inóspita, uma terra acolhedora e amiga.

O sorriso de Fabien se ilumina no universo organizado por Exupéry. O avião, castigado pelos ventos, eleva-se a um espaço tranqüilo, soberano a todas as contrariedades. É um feito que coroa milênios de atos exitosos. O sacrifício do indivíduo nobilita a luta da humanidade. O sorriso de Fabien resume a alegria de muitos vitoriosos.

## SAINT-EXUPÉRY E O IMAGINÁRIO DAS VIAGENS

Maria Luiza Berwanger da Silva\*\*

Busco em Saint-Exupéry um fragmento representativo da totalidade de sua obra e deparo-me com o prefácio do romance *Le Vent se Lève*, da escritora americana Anne Morrow-Lindbergh, sobre narrativas de aviação, onde escreve:

“Anne Lindbergh, dans son livre s’appuie, bien en secret, sur quelque chose d’informulable, d’élémentaire et d’universel comme un mythe ... Elle sait bien faire sentir, à travers les réflexions techniques et les notations concrètes, le problème même de la condition de l’homme! Elle n’écrit pas sur l’avion, mais par l’avion.”<sup>1</sup>

Neste prefácio, a metáfora do avião como representação exemplar da palavra poética, ao articular a viagem ao espaço interno, permite a Saint-Exupéry explicitar a própria composição da imagem literária com base tanto na referência explícita a Charles Baudelaire, quanto na expansão dos horizontes textuais que a tradução concede à literatura. No ensaio *Traduire*, de Maurice Blanchot, anterior mas contemporâneo ao romance de Anne Morrow-Lindbergh, dirá o crítico francês, relendo Walter Benjamin<sup>\*\*\*</sup> :

\* Comunicação apresentada no evento *Saint-Exupéry: Da Era Tecnológica à Literatura* como introdução e justificativa à mesa redonda *Saint-Exupéry e o Imaginário das Viagens*, coordenada pela autora deste texto.

\*\* Professora do setor de Francês do Depto. de Línguas Modernas.

\*\*\* A data da publicação da obra *L'Amitié* de Blanchot em 1971 faz-se paralela à da tradução do romance de Ana M. Lindbergh, em 1973, prefaciada por Saint-Exupéry.